

Reproduzido com autorização do editor. Para mais informações ou versão impressa, contactar Instituto de Arqueologia da UC (iarq@ci.uc.pt; tel. 239851600)

276

ARA A *VORDO TALACONIO* DE SORTELHA
(SABUGAL)

Ara votiva de granito da região, de cor cinzenta e de grão grosseiro, identificada em Junho de 1997, nas obras de reabilitação do muro do adro da Igreja de Nossa Senhora das Neves, em Sortelha (concelho do Sabugal), durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico no Centro Histórico de Sortelha. Actualmente, encontra-se guardada na Câmara Municipal do Sabugal, até à criação do futuro museu local¹.

Trata-se de um monumento rudemente afeiçoado, cuja reutilização contribuiu para a sua deterioração, apresentando fracturas na parte superior.

Do capitel restam apenas os vestígios dum toro. A parte superior encontra-se alisada, não se observando quaisquer traços de fóculo. A moldura que separa o capitel do fuste é constituída por uma gola encurtada. O fuste apresenta ambas as faces alisadas. A face anterior está totalmente ocupada pelo texto. A base, bem diferenciada, é separada do fuste por um ressalto pronunciado.

Dimensões: 7 x (15) x (15); 23 x 19 x 12,5; 10 x 23,5 x 17,5.
Campo epigráfico: 23 x 19.

VORD[I]/O TALAC/ONIO / M(arcus) · C(ornelius?) · O(?) · P
Q(ui) · L(ibens) · F(ieri) · I(ussit)

¹ Agradecemos a Fernando Patrício Curado e a Armando Redentor as indicações que nos deram para a realização deste estudo. Em Sortelha, tinha sido já identificada outra ara votiva, reaproveitada no cemitério local, a ser brevemente publicada por Fernando Curado.

A Vórdio Talacónio, Marco C(ornélio?) O(?), que livremente mandou fazer.

Altura das letras: l.1: 4,5 (R=4); l. 2: 4; l. 3: 4; l. 4: 4; l. 5: 3,5.
Espaços: 1: 0,6-1; 2 e 3: 0,2-0,5; 4: 0,0-0,2; 5: 0,3-0,5; 6: 0,0-0,3.

Embora gastas pelo efeito da reutilização e pela qualidade do suporte granítico, as letras da inscrição lêem-se com facilidade, excepto a última linha. O texto apresenta-se distribuído por todo o campo epigráfico, dividido em cinco linhas e alinhado à esquerda.

Os caracteres são regulares, pela relativa homogeneidade da altura das letras. Há letras do tipo capital quadrada, como é o caso dos O, perfeitamente circulares, a partir de cujo molde se traçaram o Q e o C, e o caso do R, gravado a partir do P, com a perna segura à pança e não à haste. A letra M é aberta, com as hastes exteriores oblíquas, feita a partir de dois A. Regista-se na l.2, o nexa TALA, não muito frequente.

A l. 4 apresenta o M com maiores dimensões que o C e o O seguintes. Na última linha (l. 5), os caracteres têm menor tamanho, dada a exiguidade do espaço restante. A letra Q não é explícita, por estar gasta e encontrar-se no limite do campo epigráfico.

A 4.^a e a 5.^a linhas revelam algumas dificuldades de interpretação, dado que permitem outras leituras. O dedicante identifica-se através de M C O, que serão os *tria nomina* em siglas. Tal acontece, provavelmente, pela necessidade e desejo de anonimato do dedicante². Seria mais estranha a leitura: M(*arcus*) CO(*rnelius*).

Atente-se na invulgar fórmula final votiva QL · FI e no único ponto de separação existente no texto, entre o L e o F. A expressão é rara, sendo mais comum a utilização apenas de *fieri iussit*³. Seríamos tentados a imaginar uma alternativa: Q(*uintus*) L(*ucii*) · FI(*lius*), obrigando, por falta de espaço, a passar a fórmula final para a base da ara, que se encontra bastante gasta para permitir adivinhar qualquer leitura.

A epígrafe aumenta para nove as inscrições conhecidas a esta

² Ver ENCARNÇÃO, José d' (1984), *Inscrições Romanas do Conventus Pa-censis*, Coimbra, n.ºs 531-532, onde são apresentadas algumas inscrições votivas a Endovélico, cujos dedicantes são registados na forma de *tria nomina* abreviados.

³ Ver outros exemplos em ENCARNÇÃO, 1984: n.º 487; e VIVES, José (1971), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, n.ºs 303 e 566.

divindade indígena, no território da Lusitânia – como epíteto de Banda⁴ ou sob forma adjectivada isolada⁵. Os testemunhos documentados demonstram uma notável concentração em torno dos relevos da Malcata e da Gata⁶, podendo falar-se numa área concreta de culto, de âmbito regional. Não seria estranho relacionar os exemplares conhecidos com o contexto mineiro onde se identificam⁷ – no presente caso, as minas da Quarta-Feira, da freguesia de Sortelha⁸.

O teónimo surge agora, por primeira vez, sob a forma nominal – *Vordio*,⁹ na variante sonorizada, acompanhado do epíteto *Talaconio*. A interpretação comum avançada para as três distintas formas adjectivais conhecidas: *Vortaeceo*, *Vortiaecio* ou *Vortiacio*, como epítetos de natureza gentilícia¹⁰, parece ser agora contrariada pelo

⁴ Em Salgueiro (Fundão): ENCARNAÇÃO, José d' (1975) *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, p. 137. Em Carrazeda de Ansiães: ENCARNAÇÃO, José d'; LEMOS, F. Sande (1991), «Uma ara votiva romana identificada na capela da Senhora da Ribeira», *Brigantia*, XI (3-4), Bragança, pp. 121-125; e em ENCARNAÇÃO, José d' (1992), «Ara votiva a Bandu Vordaeo», *Ficheiro Epigráfico*, 40 (179), Coimbra. Neste mesmo Ficheiro é referida a inscrição de Vale Queimado (Penamacor), que aguarda publicação por José Luís Cristóvão, num próximo FE. Existe ainda outro caso duvidoso, interpretado como dedicado à mesma divindade: *B. V. S.*, em São Vicente da Beira, Castelo Branco: GARCIA, José Manuel (1984), *Epigrafia Lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, p. 51.

⁵ Em Arrochela (Penamacor): CURADO, Fernando Patrício (1985), «Ara a Vortiaecivs», *Ficheiro Epigráfico*, 13 (57). Em S. Martinho (Castelo Branco): GARCIA, José Manuel, (1984), *Epigrafia Lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, p. 79. Em Malpartida de Plasencia (CIL II 855) e em Montehermoso (Cáceres), referidos ambos em HABA, S. (1990), «La divinidad Vortiacio: nuevos testimonios epigráficos hallados en la provincia de Cáceres», *Alcantara*, 19, Cáceres, pp. 121-130.

⁶ Ver os mapas 1 e 2, apresentados por HABA, 1990, p. 127.

⁷ Ver a discussão deste problema em ENCARNAÇÃO e LEMOS (1991), *ibidem*, p. 124.

⁸ São conhecidas algumas explorações mineiras de cobre e estanho, desde a Pré-História recente até à Romanização, próximas de Sortelha. No sítio da Tapada da Tenda (Quarta-Feira), recolhemos cerâmica de construção romana, próxima de alguns poços de antiga captação mineira.

⁹ É conhecido outro caso similar: um *Bannei Picio* em Belver e a mesma divindade apenas como *Picio* em Oliveira do Hospital, in ENCARNAÇÃO, José d'; CARVALHO, Rogério (1984), *Belver ao Tempo dos Romanos – a População e as Suas Crenças*, Portalegre.

¹⁰ GARCIA, José Manuel (1976), «Contributo para a compreensão das divindades do 'grupo Band' – uma nova ara», *Conimbriga*, XV, Coimbra, p. 149. Ver também HABA, 1990, p. 128.

aparecimento da forma nominal. Coloca-se, então, a hipótese de ter apenas um sentido religioso.

Em *Vordio*, encontramos-nos perante um teónimo de raiz *uer-*, com o significado de ‘ótimo’, ‘supremo’¹¹ ou a ideia de ‘torcer, girar ou virar’¹².

O epíteto *Talaconio*, com base no radical inicial indo-europeu *tala-*, adquire o sentido de ‘terra’¹³. Curiosamente, a poucos 20 km para leste de Sortelha, em Vila Boa, foi identificada uma inscrição funerária com o antropónimo *Talaceo*, formado a partir do mesmo radical¹⁴.

Seria aliciante identificar nesta divindade uma simbologia associada aos ciclos da exploração agrícola.

A paleografia, a tipologia simplificada do monumento, o formulário (utilização de *tria nomina* abreviados e de estranha fórmula final), sugerem uma datação de meados do séc. I d.C.

MARCOS OSÓRIO

¹¹ FERNANDEZ ALBALAT, Blanca (1990), *Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania antiguas*, A Coruña, p. 156.

¹² LAPESA, Manuel Palomar (1957), *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*, Theses et Studia Philologica Salmanticensia, X, Salamanca, pp. 112-113. Há mesmo um paralelo na Península Itálica: *Vortumnus*, divindade da fertilidade, relacionada com a mudança das estações do ano e as transformações da Natureza. Ver HABA, 1990, pp. 128-130.

¹³ ALBERTOS FIRMAT, M^ª. de Lourdes (1966), *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Theses et Studia Philologica Salmanticensia, XIII, Salamanca, p. 217.

¹⁴ CURADO, F. Patrício (1985), «Estelas funerárias de Vila Boa (Sabugal)», *Ficheiro Epigráfico*, 27 (123.2).



276

Ficheiro Epigráfico, 61, 1999